

BRASIL: 500 ANOS DE QUE HISTÓRIA?

Vídeo
grafia

Em continuidade à proposta feita na revista número 16, propomos a sugerir e a analisar alguns filmes sobre o Brasil que, embora existam e estejam disponíveis em locadoras, são pouco conhecidos ou divulgados, para que possam ser incorporados não apenas às comemorações dos 500 anos mas também às reflexões sobre nossa história. Apesar do clima de festa e do relógio da Rede Globo insistir em nos preparar para o parabéns a você, é preciso lembrar que a festa – sobre nossa história – não passa só pela tela da TV, mesmo porque esta também precisa ser discutida em sala de aula: que realidade, que imagens, que história são estas que a TV nos apresenta?

Para ampliar os questionamentos em torno da história do Brasil, apresento três documentários e creio que podemos refazer as perguntas: que realidade é essa que o documentário nos apresenta? Que histórias? Quais enfoques? Por que documentário?

Apesar de nossas indicações anteriores seguirem uma cronologia, esta não será a tônica neste e nos números subsequentes da revista, porque a idéia é indicar filmes que abarquem vários períodos, para que o professor e os alunos possam compor suas pesquisas e leituras próprias.

Nesta linha e proposta escolhi os documentários¹: *A guerra civil – 1932*, de Eduardo Escorel; *Viramundo* de Geraldo Sarno; e *O fio da memória*, de Eduardo Coutinho.

A AUTORA

Maria Ignês Carlos Magno

Professora de História no ensino fundamental e médio em São Paulo. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. E-mail: unsignes@usp.br

1. Estes filmes podem ser encontrados na videolocadora 2001. Av. Cidade Jardim, 1000 - São Paulo - SP. Tel.: (0xx11) 813-7546.

A guerra civil – 1932

Projeto: André Singer e Cláudio Kahns

Argumento: Paulo Sérgio Pinheiro e Túlio Kahn

Roteiro: Sérgio Augusto

Texto: Sérgio Augusto e Eduardo Escorel

Narração: Edwin Luisi

Música: Hermelino Neder

Edição: Aritana Dantas

Fotografia: Adrian Cooper

Produção: Cláudio Kahns

Direção: Eduardo Escorel

Duração: 52min

Das muitas abordagens que o documentário oferece, uma é tomado na linearidade histórica em que foi montado e aproveitar a narrativa como ponto de partida para recuperar o contexto histórico em que a guerra de 1932 ocorreu, bem como aprofundar alguns de seus aspectos. Também a partir dele, pode-se pesquisar histórias pouco trabalhadas tanto em sala de aula quanto nos livros didáticos, uma das quais é a história dos partidos políticos no Brasil, abrangendo trajetórias, composições sociais, participações em movimentos políticos, bases ideológicas, debates, alianças, entre outras variáveis possíveis. O estudo dos partidos pode ser visto como um ponto fundamental de um outro estudo de que andam carentes nossas escolas: a teoria política.

Especificamente no período em questão podemos recuperar as histórias dos partidos Republicano, Democrático, Comunista e, ampliando e compondo esse quadro, recuperar a história dos movimentos operários, dos sindicatos, do BOC (Bloco Operário Camponês), entre outros, e tentar compreendê-los naquele movimento e época. Fundamental para compreender a guerra de 1932 e o documentário é ter clara a atuação das oligarquias.

Outra pesquisa interessante que o documentário sugere é a das imagens e textos apresentados nas propagandas do período. Particularmente rica será essa pesquisa, se considerarmos o contexto internacional e o significado que elas passaram a ter sobre a sociedade: período entre-guerras, a crise de 1929, o governo de Getúlio Vargas, apenas para citar alguns fatos e momentos. Ou, ainda, se quisermos discutir o sentido do documentário, podemos começar por abordar a sinopse do vídeo: “Toda a história da revolução que abalou São Paulo” ou “32, a guerra civil” ou “recuperar o verdadeiro significado da guerra civil”. Guerra civil que também é apresentada pela maioria dos livros didáticos como revolução, levante. Entre as muitas leituras e comparações, vale acompanhar como as imagens e os debates foram montados ao longo do documentário.

Viramundo

Roteiro e direção: Geraldo Sarno

Fotografia: Thomas Farkas e Armando Barreto

Montagem: Sílvio Renaldi

Som direto: Sérgio Muniz, Edgardo Pallro, Wladimir Herzog e Maurice Capovilla

Música: Caetano Veloso e José Carlos Capinam/Interpretação: Gilberto Gil

Ano: 1965

Duração: 45min

Este filme de Geraldo Sarno é considerado o mais clássico documentário sociológico brasileiro. Filme de 1965, *Viramundo* procura mostrar o deslocamento social, a miséria, a humilhação, a fome. Esse documentário é importante em muitos aspectos, sobretudo porque representa um período de grande ebulação criativa e crítica. Na década de 60, trabalhava-se a construção de uma ficção capaz de montar uma imagem crítica da realidade. Foi quando nosso cinema-documentário começou a fazer um novo retrato do país com quatro filmes produzidos por Thomas Farkas: *Viramundo*, *Memória do cangaço*, *Subterrâneos do futebol* e *Nossa escola de samba*. As preocupações de então orientaram grande parte dos filmes feitos nas décadas seguintes e continuam hoje como pontos centrais do documentário brasileiro: organizar poeticamente os documentos, de modo a estimular uma participação do espectador pela razão e pelo sentimento, e tomar a parte, aquele pedaço particular do país filmado, como um meio de revelar o todo, a condição brasileira.

E ainda hoje é assim, como retrato vivo do país e como um modelo de cinema-documentário, que esses filmes são vistos: por mostrar as condições sociais e de trabalho a que eram submetidos os migrantes; por apresentar como a mão-de-obra nordestina, agrária em sua maioria, é incorporada nos espaços fabris e na construção civil como não-qualificada. Interessa também, como ponto de partida para pesquisarmos, a partir dos dados fornecidos, a década de 60: 100 mil nordestinos deixavam as zonas rurais do Nordeste com esperança de vida melhor em São Paulo. Em *Viramundo*, Geraldo Sarno documenta a chegada do trem do Norte, lembrando, na época do lançamento do filme: *Viramundo* não é um. São muitos. Os livros de cordel consagram: Lascamundo, Furamundo, Rompemundo e Batemundo. Chico Viramundo é o primeiro, o famanaz. O pai dos heróis migrantes torna-se famoso com as proezas e trabalhos e esforço de que é capaz. Em um só dia abre imensas estradas, derruba mata virgem, bate-se com dragões e liberta princesas, vencendo sempre as forças do mal. Uma visão

fantasiosa das provas a que se submetem os lavradores analfabetos quando iniciam a migração para os grandes centros. Não serão as máquinas, altos-fornos, edifícios e engrenagens os mesmos dragões ameaçadores e mortais? No centro industrial do país os migrantes oscilam entre a condição de lavradores, que não são mais, e a de operários, que não chegam a assumir.

Outros momentos da história do Sudeste e Centro-Oeste em que a migração foi incentivada pelos governos federais e estaduais e depois excluída do espaço urbano e social que ajudou a construir. Exemplos: nos governos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e regime militar. Interessa, principalmente, porque favorece uma discussão sobre o tipo de documentário que se fazia naqueles anos de 1965. Sugerido pelo próprio texto de apresentação que os autores fazem, seria muito rico um estudo sobre a literatura de cordel.

Juntamente com as pesquisas possíveis, sugiro a leitura da análise feita por Jean-Claude Bernardet: *Viramundo*: o modelo sociológico ou a voz do dono², fundamental porque, ao adotar um ponto de vista e construir a sua análise, nos ensina a ler um documentário. Leitura que pode se enriquecer ainda mais se, ao documentário *Viramundo*, for acrescentado um outro, igualmente significativo: *O fio da memória*, de Eduardo Coutinho.

O fio da memória

Direção: Eduardo Coutinho

Produção executiva: Eduardo Escorel e Lauro Escorel Filho

Diretor assistente: Sérgio Goldemberg

Música: Tim Rescala

Fotografia: Adrian Cooper

Pesquisa: Amélia Zaluar

Ano: 1991

Duração: 115min

Documentário feito por ocasião dos 100 anos da libertação dos escravos no Brasil, este filme vai muito além de sua sinopse. O fio da memória do ex-escravo Gabriel Joaquim dos Santos nos instiga não só a acompanhar como Coutinho tece o documentário, mas a procurar, nos fios que ligam imagens e textos, outros fios, outras e nossas memórias. Das brancas salinas que cegam com o tempo, que racham os pés e fazem sangrar o corpo, à delicadeza com que construiu sua casa, o altar para os seus três livros; da delicada memória que guardava da princesa

2. BERNARDET, Jean-Claude. *Viramundo*: o modelo sociológico ou a voz do dono. In: _____. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Isabel à força da frase registrada em seu livro: a história é um negócio perigoso. As memórias do ex-escravo Gabriel Joaquim, ao mesmo tempo que nos fazem acompanhar os movimentos do Brasil em seu *Cadernos de História*, nos levam a querer saber sobre outras coisas que escreveu, que registrou.

Através das narrativas de Mílton Gonçalves e Ferreira Gullar, podemos iniciar a discussão e a análise pela cena do relato de seu Gabriel sobre o tempo de cativeiro, e recuperar todos os movimentos do Brasil, não só do negro mas de todos os brasileiros, senão pela cor e origem, pelos ritos, pela exclusão. Na trajetória do negro entramos em contato com a nossa própria trajetória histórica e cultural. Nossa mistura, nossa riqueza, nossas misérias. Pelas datas marcadas por seu Gabriel podemos recuperar outras datas e histórias. Uma delas, a história do candomblé e da umbanda, que, criada nos anos 20, passa a ser perseguida em 1940 pelo governo Vargas. Tema que pode ser comparado com a abordagem da umbanda que, no documentário *Viramundo*, é apresentada de uma outra maneira. Neste é símbolo de alienação; no outro é a religião dos excluídos: índios, crianças de rua, prostitutas. Outra história é a das escolas de samba, suas personagens, seus compositores, sua transformação. Os poetas negros e mulatos e suas poesias. Cruz e Sousa é um deles. De todos os meninos *abandonados da Silva* às greves nas salinas em 1963, das tentativas de reforma agrária em 1964 às seitas e às misturas culturais e raciais neste Brasil dos 500 anos. O que não podemos é parar de pensar, de pesquisar, de querer saber e de saber registrar, como fez seu Gabriel. Seu Gabriel Joaquim, ex-escravo, também escreveu em seu caderno de lições de casa: "Faço sempre alguma coisa. Pelo sonho e pelo pensamento".

Ao final destas indicações dos documentários e sugestões de pesquisa retomo os seus produtores, narradores para sugerir outra pesquisa: sobre os personagens realizadores, suas produções teóricas, poéticas, políticas. Cada um desses documentários traz pessoas que participaram e participam ativamente de nossa história: Antônio Cândido, Bóris Fausto, Ferreira Gullar, Paulo Sérgio Pinheiro, Sérgio Augusto, Wladimir Herzog, apenas para citar alguns deles.